

A ANÁLISE DE DISCURSO À FRANCESA: INTERDISCURSO E FORMAÇÃO DISCURSIVA ESTAÇÃO MICHEL PÊCHEUX

META

Esboçar um quadro teórico da Análise do Discurso em relação à constituição do sujeito através das noções de interdiscurso e formação discursiva.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

tornar possível a compreensão do funcionamento do interdiscurso como sentidos exteriores e anteriores que aparecem no dizer e trazem uma memória discursiva para a constituição do sujeito;

apresentar a noção de formação discursiva com posições ideológicas, antagônicas e contraditórias nelas próprias, como parte de uma complexa rede de representações sócio-históricas onde o sujeito está dividido.

PRÉ-REQUISITOS

As aulas anteriores.



A proposta de um novo objeto chamado discurso surgiu com Michel Pêcheux, na França, em sua tese *Analyse Automatique du Discours*, em 1969. Ele trabalhava em um Laboratório de Psicologia Social e sua idéia era a de produzir um espaço de reflexão que colocasse em questão a prática elitizada e isolada das Ciências Humanas da época. Para tanto, sugeriu que as ciências se confrontassem, particularmente a história, a psicanálise e a linguística. Chamou de “entremio” este espaço de discussão e compreensão e de “discurso” o objeto aí estudado. (Fonte: www.labeurb.unicamp.br/portal/UserFiles/Image/Michel1.JPG)

INTRODUÇÃO

“Meu nome veio antes de sete gerações de homens com o mesmo nome, cada um dando ao seu primeiro filho o mesmo nome do pai e então as mães apelidando os filhos para não confundi-los com os pais quando ouviam seus nomes serem chamados ao ar livre, enquanto trabalhavam lado a lado no trigo alto até a cintura.

Os filhos acreditavam que seus nomes eram os apelidos que ouviam flutuando através desses campos e respondiam a eles, imaginando quem eram pelo som das palavras, sem jamais sonhar que seu nome real e legal os estava esperando, escrito em algum papel em Chicago, e que aquele nome seria o que precederiam com ‘Sr.’ E que aquele seria o nome com o qual morreriam.”

Sam Shepard
Homestead Valley, California.
02.05.2009

Repare, cara (o) aluna (o), que o texto faz pensar a respeito de anterioridades. É assim como os personagens do conto/crônica, quando falamos, estamos afetados por interpretações construídas anteriormente. Por exemplo, se estou em aula presencial e alguém mal vestido e “tropeçando no português” pede para falar com a turma, tenho ímpetos de negar, mesmo sem saber da relevância do que ela tem a dizer. Se outro dia a mesma pessoa retorna bem vestida e caprichando no fraseado, nossa vontade é pedir que ela entre e fale antes mesmo que tenha pedido.

É por isso que é possível falar que já existem interpretações historicamente construídas. Essa existência pode até parecer maligna, mas é por conta dela que entendemos o que entendemos. Se não fosse esse entendimento prévio, um simples “Bom dia!” seria um problema. Sem esse entendimento a língua estaria paralisada. De modo que essa existência não é tão maligna assim. É por que tudo já foi dito antes que podemos lembrar, sem fazer esforço para tanto. Pois bem, é o interdiscurso que nos faz interpretar sem que saibamos que o fazemos (ver Maingueneau, 2005, Cap. 1. “Primado do Interdiscurso”, p. 33-48).

Além dessa anterioridade, falamos sempre ocupando uma posição. Falamos como médico, ou como professor, como pai, mãe, membro do partido, diretor, presidente etc. Somos indivíduos, mas ocupamos essas posições que falam em nós e essas posições institucionalizadas são construídas historicamente na complexa rede de formações ideológico-discursivas. Como essas formações acabam desrespeitando os limites umas das outras, o sujeito estará sempre dividido.

Voltando um pouco ao conto de Shepard, observemos que ele nos faz pensar a respeito de anterioridade enquanto instituição, sobretudo a família, mas também sobre a lei, a instituição jurídica [como o real] e, nela, algo decisivo: a escrita – nesse ponto, o aprofundamento dos estudos não deve ter um outro princípio senão com Roland Barthes, em seu ensaio “O grau zero da escritura”, 1953.

LUGARES DO DISCURSO

Partindo desses princípios, nossa análise das materialidades discursivas procura observar os sentidos das construções em função das posições ocupadas pelos Sujeitos cujos discursos são atravessados por discursos “Outros”, advindos de outras formações discursivas representadas na linguagem fazendo referência às formações ideológicas em que tais posições são inscritas. Eis o espaço em que um discurso irrompe no outro; lugar em que um discurso se constitui pelo exterior específico de uma formação discursiva: o interdiscurso. Dessa forma:

“O sujeito do discurso continua sendo concebido como puro efeito de assujeitamento à maquinaria da Formação Discursiva com a qual ele se identifica. A questão do “sujeito da enunciação” não pode ser posta senão em termos da ilusão do “ego-eu” [“moi-je”] como resultado do assujeitamento (cf. a problemática althusseriana dos Aparelhos Ideológicos de Estado) frequentado pelo tema spinozista da ilusão subjetiva produzida pela ‘ignorância das causas que nos determinam’”.(PÊCHEUX, 1997).

O sujeito objeto de estudo da análise do discurso não é senhor daquilo que diz, não é a origem do que diz por uma razão dupla: ele é um sujeito constituído fora do consciente do indivíduo. Essa constituição é sempre efeito de uma anterioridade, de uma memória que nossa lembrança não alcança. Uma memória fala em nós pelo inconsciente, por isso o sujeito é assujeitado. Ele é constituído pela memória discursiva (nessa direção o debate da AD com a psicanálise lacaniana é bastante produtivo, por exemplo, para estudos mais avançados, ver como a discussão aparece com Henry, 1992, cap. II “O sujeito e o significante”, p. 155-192, em seu *A Ferramenta imperfeita*).

Por mais singular que seja, cada uma de nossas histórias está submetida às relações língua/linguagem na sociedade e pela história. Cada uma de nossas histórias foi e é alcançada por determinadas regiões da complexa rede de formações ideológico-discursivas. Quando falamos, o fazemos sempre de uma posição sócio-histórica. Para estudar esse sujeito algumas condições são fundamentais: a AD propõe uma série de procedimentos,

disponibiliza um debate teórico e noções para proceder as análises. Dentre essas noções vamos apresentar duas delas: interdiscurso e formação discursiva.

*

Em seu “Discurso: fatos, dados e exterioridade” Orlandi, (1996) faz uma síntese de questões centrais sobre procedimentos do analista frente ao objeto: o discurso. A autora nos fala a respeito de um deslocamento capaz de nos colocar diante do acontecimento lingüístico e do funcionamento discursivo em práticas sociais. Para fazer esse deslocamento é preciso dispor de instrumentos, de categorias de análise. São elas: interdiscurso e formação discursiva. Para apresentar esse percurso e essas categorias vamos trazer três análises de enunciados. Vejamos!

O interdiscurso significando no sujeito: “não assisto novela, apenas ‘um pedaço’”

Certa vez, o professor que aqui fala, estava em uma fila para o caixa de um supermercado em São Paulo e, sem querer, ouvia a conversa de um jovem casal. A bela distraidamente comentava uma dessas revistas colocadas à disposição para suavizar (ou agonizar) aqueles momentos em que estamos no corredor da morte! De repente, observando as fotos, ela abriu um comentário:

“Olha, amor, é aquele ator do filme, eu tava assistindo a novela...”.

No momento em que enunciou a palavra “novela”, a mocinha olhou ao redor e se deparou com o meu olhar. Imediatamente, entrou em sua fala um outro comentário. A sequência ficou mais ou menos assim:

“Olha, amor, é aquele ator do filme, eu tava assistindo a novela, um pedaço, e ele tá fazendo um papel ridículo”.

Ora, o que esse “um pedaço” está fazendo aí?! Se ela disse aquilo porque eu estava ouvindo e ela se preocupa com o fato de ser reconhecida como alguém que assiste novela, cabe perguntar quem é esse “eu” que a ouvia. Se ela não me conhece, estávamos na gigantesca cidade de São Paulo, para que essa preocupação? Esse “um pedaço” é uma espécie de resposta a uma pergunta não realizada. É como se alguém estivesse em seu encaixe dizendo:

“Menina, você que se quer tão inteligente, assistindo a novelas?!”

Esse “um pedaço” não é parte da conversa com o namorado e também não era nada comigo, claro. É uma conversa exterior ao domínio dos indivíduos. Essa conversa é da ordem de constituição do sujeito. Veja, o “um pedaço” significa um limite de sentido no sujeito. E não é porque a palavra remete a divisão. É o sujeito que está dividido nessa contradição entre assistir a novela e ao mesmo tempo rejeitá-la. Isso acontece porque novela significa “coisa de povão, coisa fútil; assistir novela é perda de tempo, é coisa de mulher à moda antiga” etc., etc., etc. A palavra “novela” traz toda essa memória discursiva para fio linguístico. Em síntese, o “um pedaço” dá visibilidade a algo que aparece como externo, mas é próprio da linguagem. Esse fato leva o nome de interdiscurso (Orlandi, 2000, P. 23-55). Dito assim, a noção pode até parecer simples, mas ela tem um alcance bastante elevado no debate das teorias do discurso.

A definição de interdiscurso no DAD: “Interdiscurso. Todo discurso é atravessado pela interdiscursividade, tem a propriedade de estar em relação multiforme com outros discursos, de entrar no interdiscurso. Esse último está para o discurso como o intertexto está para o texto”.

Em um sentido restritivo, o ‘interdiscurso’ é também um espaço discursivo, um conjunto de discursos (de um mesmo campo discursivo ou de campos distintos) que mantêm relações de delimitação recíproca uns com os outros. Assim para Courtine (1981: 54), o interdiscurso é ‘uma articulação contraditória de formações discursivas que se referem a formações ideológicas antagônicas’.

“Mais amplamente, chama-se também de ‘interdiscurso’ o conjunto das unidades discursivas (que pertencem a discursos anteriores do mesmo gênero, de discursos contemporâneos de outros gêneros etc.) com os quais um discurso particular entra em relação implícita ou explícita. Esse interdiscurso pode dizer respeito a unidades discursivas de dimensões muito variáveis: uma definição de dicionário, uma estrofe de um poema, um romance...” (286).

“Pode-se explorar a distinção entre *intertexto* e *interdiscurso*. Assim, Adam (1999: 85) fala de ‘intertexto’ para ‘os ecos de um (ou de vários) texto (s) em outro texto’, independentemente de gênero, e de ‘interdiscurso’ para o conjunto dos gêneros que interagem em uma conjuntura dada. Por sua vez, Charaudeau (1993d) vê no ‘interdiscurso’ um jogo de reenvios entre discursos que tiveram um suporte textual, mas de cuja configuração não se tem memória; por exemplo, no slogan ‘Danoninho vale por um bifinho’, é o interdiscurso que permite as inferências do tipo ‘os bifês de carne têm um alto valor protéico, portanto devem ser consumidos’. Por sua vez o ‘intertexto seria um jogo de retomadas de textos configurados e ligeiramente transformados, como na paródia” (286)).

Paráfrase

É o fato do redizer no esforço de manter algo do que já foi dito, ou seja, é outra formulação do mesmo dizer. Ex. “A crise econômica chegou ao Brasil” / “O país experimenta os primeiros efeitos da crise”. Quando no ensino, pede-se um resumo, faz-se uma paráfrase. Uma tentativa de não alterar o que disse o autor.

Polissemia: enquanto a paráfrase trabalha em favor da manutenção dos sentidos, a polissemia é o fato da presença do novo no mesmo. Ex. Diferentes significações a partir de uma mesma palavra e/ou enunciados: “os primeiros efeitos da crise” / “a crise econômica chegou”. No primeiro, o sentido é o da própria crise em sua totalidade; no segundo, as diferenças são muitas: o sentido não é o da crise propriamente dita, mas são seus efeitos e apenas os primeiros, o sentido da crise em sua parcialidade. É no movimento entre esses dois fatos (paráfrase e polissemia) que temos o funcionamento da linguagem (ORLANDI, 2000, p. 36-39).

A Formação Discursiva do baixo calão: “o ‘se fu’ de Lula”

Com a chegada da crise econômica americana ao Brasil, em dezembro do ano passado, o presidente Lula, várias vezes, apareceu na mídia defendendo a solidez da economia brasileira. Em certo pronunciamento, Lula comparou a crise a uma “diarreia braba”. Ele fez toda uma comparação com um atendimento em que o médico avalia o quadro do paciente e conclui: “Meu, se fu...”. É claro que a expressão provocou os mais variados efeitos de sentido: da plateia veio uma gargalhada geral; um secretário sentado bem próximo ao púlpito levou a cabeça junto ao joelho balançando-a negativamente e balbuciando, certamente, uma desaprovação! William Bonner, âncora do Jornal Nacional da Rede Globo, descreveu o fato como uma “extravagância”. Todos esses efeitos de sentido entre locutores de diferentes modos negam o fato, mas dois outros efeitos trabalham para o apagamento dos sentidos.

Entre as muitas matérias, comentários e artigos jornalísticos que foram postados na internet a respeito do fato, em um deles, lá pelo meio do texto, o comentarista faz uma **paráfrase**. Ele diz como Lula deveria ter dito:

“A expressão, dita por um presidente da República Federativa Brasileira, significa: ‘Caríssimo, agora não tem mais jeito, a situação é grave.’”

Ou seja, o que está significando no sujeito é esse sentido de manutenção, de estabilidade, o que temos é uma tentativa de não alterar o que se deve dizer na posição em questão, a de presidente da república. Esse funcionamento é explicitado, os sentidos apontam o que deveria ser, isto é, os sentidos trabalham para o apagamento do que o presidente é.

“Esta seria a forma de um presidente da república usar uma metáfora para explicar uma situação. Mas não! Ele preferiu a forma mais chula que existe.”

Nesse fato, ou seja, a paráfrase, as duas realizações (Posição X, a de Lula e a posição Y, a do blogueiro), o fundamental é que o dizer de Lula é o novo, é polissêmico, isto é, o dizer de Lula difere muito do que está estabelecido para a posição Presidente. O dizer de Lula é polissêmico. O dizer de Lula rompe com o princípio paráfrástico, ele estabelece conflito com o que historicamente se espera da fala de um Presidente da República. Se X vem para estabelecer o novo, Y está trabalhando para apagar X, para negar algo que é específico no sujeito, na posição ocupada por Lula. O que temos então é um confronto de posições antagonônicas, um confronto de formações discursivas.

O interessante dessa noção é que seus sentidos não selecionam a posição pelo indivíduo, o antagonismo. Por exemplo, os sentidos do apagamento aparecem na própria posição da presidência. O site oficial da presidência não publicou o “se fu”, disseram que “não ficou audível”. Aliás, esse apagamento, já começa no próprio dizer do presidente: a sílaba “deu” é apagada. Mas, como diz o ditado, para bom entendedor...

NOTINHA FINAL

Na verdade, cada um de nós pode experimentar os efeitos de sentido desse apagamento. O professor que aqui fala hesitou um pouco antes de trazer o “se fu” do presidente para esse material didático. Na aula presencial o apagamento é visível, temos dificuldade em dizer “palavras chulas”. As pessoas ficam consternadas.

Vejamos a definição de formação discursiva, introduzida por Foucault e reformulada por Michel Pêcheux:

“Dada uma formação social em um momento determinado de sua história, ela se caracteriza, através do modo de produção que a domina, por um estado determinado da relação entre as classes que a compõem; essas relações expressam-se por meio da hierarquia das práticas que esse modo de produção necessita, levados em conta os aparelhos através dos quais se realizam essas práticas; a essas relações correspondem posições políticas e ideológicas, que não são o feitiço de indivíduos, mas que se organizam em formações que têm entre elas relações de antagonismo, de aliança ou de dominação. (...) cada formação ideológica constitui, assim, um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais nem universais, mas que se relacionam, mais ou menos a posições de classes em conflito umas em relação às outras(.) as formações ideológicas assim definidas comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas, que determinam aquilo que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma harença, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) a partir de uma posição dada em uma determinada conjuntura.” (Haroche, C. Henry, P & Pêcheux, M. 1971, p. 102. Apud. Serrani, S. M., 1993, p. 25).

Também o DAD traz, claro, uma apresentação da noção. Vejamos.

“a noção de formação discursiva foi introduzida por Foucault e reformulada por Pêcheux no quadro da análise do discurso. Em função dessa dupla origem, conservou uma grande instabilidade” (DAD, p. 240).

“Michel Foucault [ver http://pt.wikipedia.org/wiki/Michel_Foucault] falando, em arqueologia do saber, de ‘formação discursiva’, procurava contornar as unidades tradicionais como ‘teoria’, ‘ideologia’, ‘ciência’, para designar conjuntos de enunciados que podem ser associados a um mesmo sistema de regras, historicamente determinadas: ‘Chamaremos discurso um conjunto de enunciados na medida em que revelam a mesma formação discursiva’ (1969b: p. 153). Caracteriza a formação discursiva, ao mesmo tempo, em termos de dispersão, de raridade, de unidade dividida...e em termos de sistema de regras. Além do mais sua concepção da formação discursiva “deixa em aberto a textualização final’ (1969b: 99): estamos longe, aqui, de um procedimento da análise do discurso que não poderia dissociar formação discursiva e estudos das marcas lingüísticas e da organização social” (DAD, p. 241).

CONCLUSÃO

A questão central para a AD, o assujeitamento do sujeito que é social e histórico, passa pela discussão que estabelece as noções de interdiscurso e formação discursiva para esse estudo. É bem verdade que o debate disponível é bastante complexo, mas é frutífero e acaba envolvendo as duas noções. Vejamos os comentários do DAD:

“A análise do discurso francófono fez freqüentemente do primado do interdiscurso sobre o discurso uma de suas teses principais. Na ‘Escola Francesa, especialmente em Pêcheux, a formação discursiva não pode produzir o ‘assujeitamento’ ideológico do sujeito do discurso a não ser na medida em que cada formação discursiva está de fato dominada pelo interdiscurso – o conjunto estruturado das formações discursivas - em que se constituem os objetos e as relações entre esses objetos que o sujeito assume no fio do discurso. É o que o analista do discurso deve por em evidência contra as ilusões do sujeitos: ‘O próprio de cada formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que aí se forma, [...] o fato de que ‘isto fala’ antes, alhures, ou independentemente’ (Pêcheux, 1975, p. 147)” (287).

“A afirmação do primado do interdiscurso exclui que se coloque em contraste formações discursivas independentemente umas das outras. A identidade de um discurso é indissociável de sua emergência e (de) sua manutenção através do interdiscurso. ‘A enunciação não se desenvolve sobre a linha de uma intenção fechada; ela é de parte a parte atravessada pelas múltiplas formas de retomadas de falas, já ocorridas ou virtuais, pela ameaça de escorregar naquilo que não se dever jamais dizer’ (MAINGUENEAU, 1997, p. 26)” (287).

Vejamos também na plataforma ou em <http://www.uems.br/padadi/sirio.html> o texto do Professor Sírio Possenti “Observações sobre o interdiscurso”.

RESUMO

Nessa aula vimos que o sujeito, objeto de estudos da AD, é constituído fora do alcance do indivíduo. Ele é social e, sobretudo, histórico. Para o estudo desse sujeito são fundamentais as noções de interdiscurso e formação discursiva. O interdiscurso é a anterioridade que faz a relação língua/linguagem funcionar no momento em que falamos. Se há posições diferentes e antagônicas historicamente construídas na sociedade, ou seja, se há diferentes formações discursivas, é o interdiscurso que as faz atravessarem e invadirem os espaços de umas nas outras, de modo que elas são contraditórias nelas mesmas. É por isso que vimos a nossa mocinha do supermercado estava afetada pela contradição de assistir novelas e ao mesmo tempo não. Pela mesma razão, o presidente diz o palavrão pela metade, ou seja, ele diz, mas não diz. Como vemos, as marcas visíveis do interdiscurso vêm sempre em uma contradição que encontra lugar na materialidade da linguagem.



ATIVIDADES

Esboce uma análise do enunciado:

“Não se apegue presidente, cumpra seu papel histórico.”

Esse dizer aparece no último recado de Sérgio Mota, o já falecido ex-ministro, para seu chefe, o ex-presidente FHC (membro fundador do PSDB). As condições de produção para os efeitos de sentido produzidos são sempre muito relevantes. O fato de o Serjão ser falador, sempre dizer o que pensava, ser meio independente; o fato de o enunciado vir no último recado e o ministro ter morrido pouco depois, tudo isso, claro, interferiu na repercussão. Mas, quero chamar a atenção para dois desdobramentos do enunciado realizados por campanhas publicitárias do Partido dos Trabalhadores e do Partido Social Democrata Brasileiro:

Desdobramento 1. “Não se apegue Presidente” (Agência do PT)

Desdobramento 2. “Cumpra seu papel histórico” (Agência do PSDB)

Bem, caro (a) aluno (a), a análise deve ser sua, mas fundamentalmente perceba o antagonismo nos recortes feitos por cada agência. Como eles significam o ex-presidente? Vá adiante, escreva aí duas páginas sobre os efeitos de sentido entre locutores. Pense a partir de formação discursiva, de interdiscurso, de exterioridade..





ATIVIDADES

Penso que nesse momento, podemos retornar ao “Sorria: você está sendo filmado!” (da aula 4) para colocar em discussão alguns pontos:

1. O enunciado recorta diferentes memórias discursivas. Sendo assim o “sorria” não é simplesmente parte de uma situação de comunicação. O que o “sorria” está significando no sujeito? E o “você está sendo filmado”? Parece que eles trazem memórias diferentes: filmagens, fotografias: “diga giz”, “é nós na fita”, ou seja, com o “sorria” vem uma memória que significa o sujeito nessa formação discursiva. E se não tivéssemos aí o “sorria”?
2. Vimos que o “sorria” recobre o sentido do risco, da insegurança, porque significa tranquilidade, descontração e por isso, garantia dos direitos e deveres, já que o enunciado aparece em situações financeiras: lojas, bancos, conveniências etc.
3. Mas recobre também os sentidos de “quebra da privacidade”, de ameaça implicado em relações dessa ordem: a apropriação da imagem [do outro]; sobretudo se considerarmos a irreversibilidade da condição do interlocutor em “você está sendo filmado”: a ação já em andamento.
4. Se considerarmos uma possível não coincidência entre o dizer e o mundo, ou seja, se a situação “não está sendo filmada” (o equipamento de filmagem pode até não estar ali, pode estar desligado etc.). Nesse caso, o enunciado é ele próprio um dispositivo de segurança (dizer é realmente fazer!, mas é um fazer histórico)

Vá adiante, escreva aí mais quatro páginas sobre esses pontos, sobre os efeitos de sentido entre locutores. Pense a partir de formação discursiva, de interdiscurso, de exterioridade..

Bom trabalho!

REFERÊNCIAS

- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo, Editora Contexto, 2008.
- BARTHES, R (1953). **Outros ensaios e o Grau zero da escritura**. São Paulo, 1993.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 2004.
- _____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins fontes, 2002.
- HENRY, P. **A Ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso**. Campinas, SP, Editora da Unicamp, 1992.
- MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Curitiba, PR: Criar, 2005.
- ORLANDI, E. Discurso: fato, dado, exterioridade. In: CASTRO, M. F. P. **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas, SP, 1996, p. 209-217.
- _____. **Princípios e procedimentos**. Campinas, SP, Pontes, 2000.
- PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi et all. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.
- _____.; FUCHS (1975). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas In: GADET; HAK. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.
- _____. A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, F; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Edunicamp, 1990.
- _____. Análise automática do discurso (1969). In: GADET; HAK. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.
- _____. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. E. P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1997.
- SERRANI, S. M. **A Linguagem na pesquisa sócio-cultural**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.
- SHEPARD, S. **Crônicas de motel**. Trad. Bettina Becker; Porto Alegre: LP&M, 1984.
- AMARAL, R. **Palavras do Presidente: se fu...!** . Disponível em <<http://odonodotempo.blogspot.com/2008/12/palavras-do-presidente-se-fu.html>>
- POSSENTI, S. **Observações sobre o interdiscurso**. <http://www.uems.br/padadi/sirio.html>, s/d.